

SEU PALAVRA

Gustavo Tanus Cesário de SOUZA¹

Recebido: 21/08/2024
Aprovado: 15/10/2024

Há muito que as palavras desejam ser outras. Isso é natural delas, mas não só delas, porque há pessoas que desejam ser outros e emendam às vezes serem até palavras. E eis palavra problema! Pois que havia, numa cidadezinha das Minas, um homem já velhinho que desejava virar palavra. Já tinha até escolhido qual seria. Nem cismo da gente da cidade o tirava de ideia. Nem também o fato de ele não saber ler nem escrever. E não tem dias que a gente sente vontade de virar verbo e sumir na voz pronunciada em cômodo sem eco? O vovô não queria que queria ser palavra em dias como esse. Não era raiva ou incomodo da vida, nem problemas por demais que o faziam querer virar uma palavra, mas a vontade de tomar corpo em uma coisa que fosse assim, ter alguma valia.

Nos botequins daquela cidade, as pessoas faziam bolão pra tentar adivinhar qual fosse. E corria alta a aposta. Neneco, o dono do bar, escolheu logo a pinga, dizendo-se acertar pelo gosto do freguês. O padre escolheu logo uma outra, que fosse da natureza de clérigo. E o prefeito, que não se cansava de ir lá mudar de ideia, na sua indecisão de sempre, nas escolhas das palavras. Os meninos da rua, que não tinham dinheiro nem idade pra apostas, também tinham seus palpites. De quando até rolava briga entre eles. E o velho seguia vontade, revelando, nos olhos e cara afetados, o desejo de ser palavra. Ninguém foi que pudesse saber, ao certo qual, fosse. E não tinha jeito. Não tinha jeito, mesmo que fosse porque ninguém teve a ideia de ir perguntá-lo. E aí um dia calhou, perguntaram-no. E o velho desviou-se junto do rumo daquelas conversas.

Todos os dias, vovô ia-se, rumo ribeirão dar conta do regime. E de peixe se enchia até. No caminho de volta, cumprimentava seus cúmplices de estada, gastava palavra de cumprimento a todos aqueles que compartilhavam com ele, aquela vida de mundo. E palavra mais palavra juntava naquilo que pudesse ser frase de como vai tudo. Tarde! Noite! Dia! Pegava de cabeça aquilo que fora mundo

¹ Poeta, prosista. Doutor em Estudos da Linguagem/Literatura Comparada (UFRN). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG, Bacharel e Licenciado em Português e Bacharel em Edição por esta mesma universidade. Pesquisador e integrante da comissão editorial do literafro – portal da literatura afro-brasileira, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/UFMG). Cofundador e pesquisador do Moviola – grupo de pesquisas intersemióticas/intermídias: travessias entre Cinema, Literatura e outras áreas.

SOUZA, Gustavo Tanus Cesário de. Seu Palavra. In: Revista **Falas Breves**, no. 14, Breves-PA, junho de 2025. ISSN 23581069

em fora e punha soltura na voz em falatório bom. Se era dia, dia, se fosse tarde, era tarde, e à noite, pronunciava noite, arrastando tudo, prolongamento de vogal, raspando, desviava consoante. E consoante a maneira com que voltava o som, ele mantinha sorriso na face.

Foi numa dessas que ele aproximou pensamento das palavras. E naquele dia pôs-se, através delas, atravessar a ver força na mudança. Viu também que não havia nunca desperdício de palavra, e se houvesse, era só de intenção. Porque por mais que o intento era outro, palavra era pronunciada no sempre presente. Engana-se aquele que imagina que a palavra é sempre firmemente agarrada. Mesmo que quando é ainda, escapa-se se esgueirando som e sentido a um lugar outro, que nunca se sabe donde. Quem dera se fosse ao céu das palavras, mas acontece que não há céu, dossel delas é umbral em onde se toma o voo circular desde o primeiro alçar, desde. E é por sorte que se pode pegá-las no cangote, no momento da fala, e lhes por nova direção, em novo ciclo. Mas há vezes que ela passa tão rápido que nem dá tempo de tocá-las em jugo de quem são reis e rainhas em apenas um segundinho já era.

O lançamento primeiro não para, pois cada ciclo de velha palavra é um lançar inaugurado, de velha nova. Que cada palavra já se resignou de levar, quase, consigo mesma, um pouco de nós. E vai, lançando os nós. Assim como senhorzinho que desejava virar palavra. Vai de encontro à loucura por ter tal loucura, vai de encontro à zombaria daqueles que tocam palavras sem que as percebam. Tocam sem nem ver.

Não havia um dia em que o velhinho desejasse não ser palavra. E já saberia qual. Parece que tal excentricidade vinha até antes que sua mulher falecesse. Vinha desde garoto. Vinha desde o primeiro som que inaugurou sua vida. E esse som que andava ciclo desde então, um dia, seria arrebatado em tapa de apanhar mosquito, e tomaria já, um novo rumo. Rumava.

Sempre se alembra, como não, do velho, que Deus o tenha, burro. Xará era companheiro e sócio de empreitada, juntos ganhavam mundo. Eles gastaram tempão em serviço de carregar tudo que tinha pra ser carregado. Carregaram a si próprios e também a vida curtida na companhia um do outro. Foi certa vez que percebeu que o amigo, ao contrário do que sempre falavam, e falavam, entendia cada palavra que ele lhe dizia. E como acreditaram passou a inaugurar umas tantas no diálogo. Aquilo tudo ficara tão normal que podia dizer, se deixassem, que aprendera língua de bicho. Chamariam-no de doido varrido se isso fosse percebido. Então não nada disse a ninguém, quem. Então quê? Não ia dizer nada a qualquer um que não pudesse perceber palavra na língua do amigo, ou mesmo tivesse

nisso pouco entendimento e consideração por sua natureza. É que também ele sabia que não podia colocá-lo em perigo. E assim foi conversando mas tudo com o burro até que, aprendesse dele, aquilo que fosse pegada do habitual amor de convívio e respeito.

O tempo passou em ciclo de palavra levando seu amigo de prosa e conselhos; o pobre do animal morreu, levando consigo um pouco dele mais seu urro em cangalha de resto tiquinho de vida. Levou também aquele primeiro urro pronunciado no tempo em que tudo é planejo de primeiro passo e galope, e passou, em novo ciclo, sem empaco, pros lados de lá. Cá desde aquele tempo o velhinho começou a aprender a escutar outros sons. Andava atento a tudo que fizesse sentido em som feito. Tudo fazia. Afinal entendeu. Viu que não há estalo de vareta que não alce voo de som em sua série de ordenamento de fenômeno. E também entendeu que a palavra, diferente da significação de quem se acha dono do voo, vai assim mesmo. Vai com som e tudo mais vai. E assim que o senhorzinho se imaginou vivendo valor de palavra. Ainda que não saiba que elas podiam sofrer caduquices, serem desrespeitadas de fazer até raiva, e também sofrer de uso excessivo que até se gastam, ele queria porque queria. Tá bom, é melhor errar por arriscar do que nunca errar por tanto se comodar. Saía do cômodo.

Todos normais da cidadezinha diziam que o homem ficara gagá depois que a companheira e o companheiro partiram. Mas assim não era. Era que não há ninguém que fique desperto se não há necessário de ir fazer café e cuidar das galinhas. Ninguém havia que o tirasse atenção naquele jeito de ver mundo, falava com queridos que foram, e sucesso era que respondiam, na barulhada do mundo. E só o velho que, travessura de menino, pusera mais desses porquês pra se viver. Não que tivesse deixado de fazer tudo o que fosse, na sua competência, coisas que tinha que fazer. Fazia tudo nos conformes de sempre. Limpava galinheiro assuntando as fofocas da Giselda e do Godofredo, varria o chão do terreiro espinhando os chiados da fibra e raspapé dos cascalhos, coava som no café, ordenhava Magrinha que muda espiava barulho do balde, ia pescar conversa no riacho, cozinhava roncando pra si mais todos os porcos, jogava damas com os compadres silentes, tragava fragor duns matos e bebia zoadas umas no botequim do Neneco. Mas que é que ultimamente não tem podido sair muito. Nem pra igreja ia mais. É que tem gente que não aguenta que suporta diferença, e difere todo que está num outro compasso.

O tempo ia passando por lá de ninguém conhecer qual palavra o velho queria, qual seria. E do tempo os pés e pernas dele fizeram-se mais duras nas articulações e moles nas partes carnosas, um

escarcéu. Tanto de andar rastante de levantar poeira em chiados próprios de terra seca. A espinha que tanto encruara levantou bololô os ombros magros pra cima. A pele dele já imitava o chão, também disfarçada de camaleão, chiando gotas que ficavam presas nas carquilhas. Os olhos se apertaram nas extremidades deixando-o com uma cara de piedade quieta abu. Seus movimentos já estariam mais na qualidade que quantidade, pois que não abarcaria muito pra não apertar pouco. Qualidade grande na pouca qualidade da quantidade.

O tempo não só passa na pele e no osso, passou também nas coisas da imaginação, nas coisas da cabeça, e levou-o a afrouxar as rédeas daquele segredo bem escondido. Passou a tanto costume do gosto que não mais se preocupou em encobrir a linguagem. Arrebanhava prêmio de desvairado. Também, à cidadezinha, havia muito que lhe faltava um assim, doido desassisado. Mas o bom de ser louco lelé assim desse jeito é que pensam que não se sabe o que se é, levando-os a evitar mais coitados dos que já eram ditos. Palavra desnecessária. Evita-se que sofram com algo com o qual não sofriram. É tanto melhor que não pensem nisso e assim o deixem seguir em paz, só com as indagações de por que a vida teria que ser desses modos.

E ele seguia. Prosseguia rumo às coisas que fizessem palavra. A escolhida há tanto que ninguém pudesse imaginar que fosse a mesma, porque ninguém está que fica só com um pensamento em toda vida, diziam. Mudam, mudam-se conforme o pé de vento. Pede conforme mal bem dito nos cultos de sábado, ou nas missas de domingo. Conforme o que se escuta na rádio, conforme o que se vê na TV. Mas o velho não, ele continuava em tanto de querer, se pudesse ser, a mais palavra de todas. A palavra dele. Ele, palavra.

Havia tanto que estava longe de sua esposa, de seu amigo, que tanto se entristecera de fazer-se muito fechado às coisas do dia-a-dia. Ainda que houvesse passarinhos dispostos a ter um cado de prosa e a contarem os atropelos de pios; ainda que houvesse ratinhos a vir saber dele se podem comer os restos das migalhas da Giselda, que, porventura, aventurassem em cair descuidadamente ao chão, ou mesmo, quem sabe, até roer peças velhas de roupa do rei do rancho; ainda que houvesse muitos mosquitos a zumbir segredos a seus ouvidos, o homem já não andava que estava contente. Queria ir logo ao voo que o fugisse dali.

Foi em um dia em que foi no meio da noite, acordou com um aperto de bucho, pressão no peito, rigidez de músculos, já não podia dominar o seu movimento, suave em bica de água salobra, doía-lhe o mundo, agoniava o som, que o ar se pesou tanto que não conseguia carregá-lo até o órgão

de respirar, a cabeça esvaziou-se muito levando consigo a lembrança daquela palavra escolhida. Já, nisto, nem mais pensasse. Pensava mesmo em arrancar do peito todo aquele peso. E já era quase quando as mãos começaram a respondê-lo com formigamentos em fila e quenturas de mormaço. Tentou levantar-se, mas catapimba, caiu-se de fruta madura. Ali esparramado ficou por um tempo que não pôde saber. Alevantou-se muito custoso na rapidez. Andou dias até a cozinha e se assentou num tamborete. E descansou, antes de soltar alarido de um som abafado de algo ininteligível.

Dali, nunca se sabe o que dele fora feito. É que palavra única realmente jamais foi. Mas, de tudo, é certo que se pegou da palavra primeira, arrancou-lhe do ciclo próprio, criando novidade. E desde ali, naquele momento, tal palavra está a girar-se em movimento bonito de palavra, num voo que está ali de logo pegar. E o povo da cidadezinha vivera de nunca saber qual fosse. Pegaram do corpo rígido, rezaram pais-nossos junto das carpideiras, beberam um trago pra embalar, falaram-se todos, da vida mania, da morte do velho, até que o levaram para cova particular, de túmulo vizinho da igreja, onde o corpo de sua esposa silenciosamente o aguardava. E de tudo o que se falou desde então, foi de um pobre velho que se fez louco a ponto do desejar ser palavra. E não qualquer palavra. Uma que lhe fosse mais própria. Que existia. Sempre. Assim, deste jeito.